

LINGUAGENS
revista eletrônica
artigo publicado em janeiro/2007

MANEQUINHO LOPES – O ENTOMOLOGISTA DO VERDE DONA FRANCISCA LOPES DE OLIVEIRA MARTINEZ

Silvia Valentini



Resumo

Este trabalho, foi elaborado para a disciplina AUP 5871 Viagens pela Paisagem, de responsabilidade dos professores Euler Sandeville e Hugo Segawa, do Programa de Pós-Graduação da FAU.USP. Trata da vida do entomologista Manuel Lopes de Oliveira Filho – Manequinho Lopes. As memórias, os fatos, dados e variada documentação foram colhidos pela pesquisadora durante cinco entrevistas feitas de maio a julho de 2006 com sua filha Francisca Lopes de Oliveira Martinez, 95 anos e a neta do entomologista, Clélia Helena de Oliveira Martinez, 70 anos.

Apresentação

O acaso (e o amor da Juliana pelos gatos) levou-me a conhecer a família de Manequinho Lopes – a admiração foi instantânea. Dona Francisca recuperava-se de

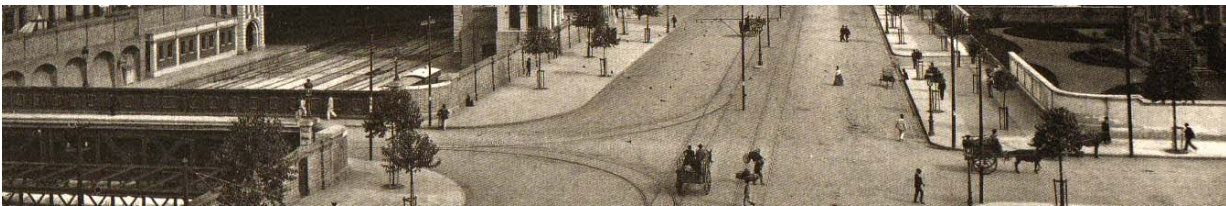
uma fratura na perna, mas sem titubear aquiesceu ao convite para as entrevistas, que começaram mesmo antes que ela voltasse para casa. Aos poucos, fomos mantendo uma convivência agradável, que, segundo Ecléa Bosi¹, é condição para o bom desenvolvimento do trabalho.

Dona Francisca fala com tocante admiração sobre seu pai, com quem aprendeu a usar o microscópio, do trabalho feito por ele na cidade, de como era a paisagem no local onde passeava com sua filha ainda pequena e que depois se transformaria no Parque Ibirapuera.

Mas a história de São Paulo não contempla o profissional com a mesma consideração. Manequinho Lopes, como ele não gostava de ser chamado, aparece em poucas referências do paisagismo urbano paulistano. Dentro do Parque Ibirapuera não há menção sobre o seu trabalho; "as pessoas que trabalham no Ibirapuera pensam que o meu pai foi um jardineiro", conta D. Francisca.

Muitas das referências foram encontradas na história do jornal O Estado de São Paulo, onde o entomologista mantinha uma coluna (na verdade, um rodapé) semanal sobre agricultura, nas notícias literárias sobre Monteiro Lobato, de quem foi amigo, e ligadas ao trabalho do médico Artur Neiva, com quem conviveu profissionalmente.

Esperamos que este trabalho possa trazer para os dias de hoje um pouco mais de visibilidade não só ao entomologista respeitado, profissional de visão, mas também ao homem sensível e amoroso, que carinhosamente apelidou a neta de "inseto" e de quem os amigos falavam com tanto carinho e admiração.



*O amarelo dos bosques
é o mesmo do ano passado?*

*E se repete o vôo negro
da tenaz ave marinha?*

*E onde termina o espaço
se chama morte ou infinito?*

*Que pesam mais na cintura,
as dores ou as lembranças?*

*Pablo Neruda – Livro das perguntas,
1980 p95*

¹ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade – Lembrança de velhos. 1973, p37

Memória

Assim como Norberto Bobbio (nascido em 1909), Dona Francisca, que nasceu um ano depois, viveu os acontecimentos marcantes do século: guerras mundiais, revoluções, fascismo, comunismo, nazismo, terrorismo, a bomba de Hiroshima, diversas guerras espalhadas pelo mundo. Bobbio faz uma análise dos fatos vividos no século XX além de considerações sobre o envelhecimento, dizendo-se estarrecido com os fatos e sem resposta para as perguntas que tais acontecimentos suscitam².

Em *Memória e sociedade* Ecléa Bosi³ registra oito depoimentos de velhos que, como D. Francisca, entregam suas memórias, suas lembranças em relatos permeados de emoção. Os depoimentos têm leitura fácil, o que nos dá a sensação de que os personagens são nossos conhecidos e que as experiências poderão ser as mesmas, se vividas por nós. Isso foi conseguido, como esclarece a autora, com o estreitamento dos laços de confiança e amizade entre a escritora e os depoentes, condição sem a qual não há o devido aprofundamento e a total entrega das memórias.

Estamos habituados a aprender sobre os fatos históricos nos livros que relatam o cotidiano das instituições e a vida de personagens notáveis. No entanto, na singularidade dos relatos das pessoas anônimas é que reside o espectro rico das emoções, das peculiaridades desconhecidas, dos detalhes que foram deixados de lado.

Os relatos de D. Francisca sobre o cotidiano da cidade, do transporte, das compras, denota a importância das memórias e do registro delas, como subsídio para o entendimento da história da cidade. São Paulo, segundo o autor Benedito Lima de Toledo^{4,3}, tem sido construída e reconstruída como um palimpsesto, "*como um imenso pergaminho, cuja escrita é raspada de tempos em tempos para receber outra nova*". Sem o relato dos moradores que vivenciaram essas mudanças, correremos o risco de perder a riqueza da história social, registrando apenas as transformações materiais urbanas.

Como registra Bosi, os sons e movimentos das ruas da cidade têm um imensa riqueza, desde a primeira janela que se abre de manhã, as portas de metal das lojas quando enroladas, o varrer das vassouras. D. Francisca lembra-se do *Bersagliere*, vendedor de amendoim de Vila Mariana, que gritava "*mendoim turraduuiu*", do sino do Colégio Caetano de Campos, do som do guizo no pescoço das cabras leiteiras da sua infância nos Campos Elíseos. São os sons da sua memória, que não fazem parte dos livros e da história oficial da cidade.

O cotidiano da cidade – as compras

A minha irmã nasceu com o dom da costura...tinha um bom gosto, só vendo; fazia um vestidinho para mim, para ela, para minha mãe. Botava a fazenda na mesa, olhava assim e passava a tesoura (...)O tecido se comprava em lojas muito simples, até na minha rua, a Al. Glete tinha loja de fazendas e na Rua Direita tinha duas lojas de fazendas, na Rua São Bento. As estampas dos vestidos até que eram bonitas, tinha muito

² BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro : Campus, 1997

³ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1994

⁴ TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo : três cidades em um século*. São Paulo : Duas cidades, 1981

xadrez, de bolinhas (...)Na esquina tinha uma loja de um turco que vendia fazendas, em geral eram lojas de turcos (...) Os aviamentos também se comprava na esquina (...) A loja vendia miudezas como botões, brinquedos, de tudo.

Comprávamos na loja o sabão, a manteiga, o café em grão, que era moído em casa. Ainda não existia geladeira, quando eu já estava bem grandinha é que apareceu. Passava um homem numa carroça distribuindo as pedras de gelo para pôr na geladeira; o gelo ia derretendo e pingava dentro de um reservatório. O leite era uma vaca, na rua, e ele ia ordenhando...se você queria comprar o leite tinha que ir atrás dele. Vacas e cabras amarradas com uma correinha e os sininhos...as coisas eram mais pitorescas. (Francisca)

Nas ruas da cidade vendia-se de tudo: frutas, queijos, legumes e verduras, vassouras e espanadores, jornais. Cada vendedor tinha uma cantoria diferente para fazer reclame do seu produto. Os armazéns vendiam grãos por litro, e a dívida era anotada na caderneta, para pagamento mensal. Na Barão de Itapetininga estabeleciam-se as docerias, os salões de chá e as lojas finas onde se encontravam as moças e senhoras de luvas e chapéu para apreciar a moda recém-lançada na Europa⁵.

"A rua Barão de Itapetinunga é um depósito sarapintado de automóveis gritadores. As casas de modas (Ao Chic Parisiense, São Paulo – Paris, Paris Elegante) despejam nas calçadas as costureirinhas que riem, falam alto, balançam os quadris como gangorras"⁶.

Lazer em São Paulo

Eu fui conhecer o rádio já era moça, lá em Rio Preto, apareceu um rádio, foi um acontecimento. Cinema apareceu muito tempo depois...Eu tinha 15 ou 16 anos...namorar no cinema nem pensar. A tela tinha que estar molhada, senão não aparecia a imagem...era molhada com um esguicho...era cinema mudo e tinha um pianista, cinema falado foi muito tempo depois...(Francisca)

Afonso Schmidt (1954, reeditado em 2003) relata que no início do século XX as famílias passeavam nas noites de domingo no Jardim da Luz para ouvir música, namorar e divertir-se. O jardim tinha coreto, estátuas e até um bar ao ar livre. Posteriormente, com a inauguração do Teatro Municipal, a elite transferiu o local dos passeios para a frente do teatro, onde havia mesas e garçons que serviam champanhe. Esses moradores gostavam de frequentar o centro. Apreciavam as vitrines, deliciavam-se nas confeitarias, faziam o *footing*. Barros Ferreira (1971) relata que na década de 20 a elite paulistana encontrava-se, a partir das 17 horas

⁵ Banespa 60 anos.

⁶ *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Reprodução fac-similar da edição de 1927. IMESP - Imprensa oficial do Estado de São Paulo – 1982.

no "Triângulo". Elegantes, iam até lá para "verem e serem vistos", caminhando ou com automóveis "último tipo".

Os pobres, imigrantes, operários, vagabundos, antigos escravos tinham uma modalidade diferente de diversão, nos inúmeros quiosques espalhados pela cidade. Conta-nos Schmidt que à frente de cada estação de estrada de ferro havia uma ou duas dessas construções. Redondos, feitos em madeira, balcão na altura do peito, os quiosques reuniam no seu entorno grande número de pessoas e de moscas. Do lado de dentro, o proprietário de bigodes fritava, em fogareiro a gás, bifés, iscas de fígado, batatas, sardinhas. Local onde se bebia vinho, café, aguardente, os quiosques nunca ficavam vazios.

Em *São Paulo - percursos urbanos e culturais*, aprendemos que, na mesma época em que se inaugurou o bonde elétrico, surgia também o Teatro Santana, que abria com a peça Helena. Grande sucesso, no entanto, fazia o cinematógrafo, com cenas em movimento, anunciado como uma excelente diversão para toda a família. Diversos cinematógrafos seriam inaugurados: a Casa Edson na rua do Rosário, o Teatro Santana, e em seguida o Novo Salão Paris, da rua São Bento. No mesmo salão surgiria pouco depois o Cinematógrafo falante, tido como o maior acontecimento científico do século, vindo de Paris para surpreender a platéia em 1902⁷.

O salão de variedades Paulicéia Fantástica também reunia, à tarde, uma quantidade de curiosos que compravam ingressos para assistir a "grande fita cinematográfica que media duzentos metros". O ruído do projetor não diminuía o interesse, e a sessão começava com a tela sendo molhada com um esguicho, para melhor nitidez da imagem. Os filmes, mudos, tinham uma profusão de movimentos, era um homem que, dormindo, sonhava que sua cama virava um barco, que era encoberto pelas ondas, tudo filmado com exagero e agitação. Depois vieram os filmes italianos e mais tarde, em 1914, os americanos, com as traquinices de Cretinetti, o drama de Asta Nilsen, a languidez de Chica Bertini⁸.

Segundo Barros Ferreira (1971), foi a partir de 1910 que o número de cinemas cresceu em São Paulo. O primeiro empresário de cinemas foi Francisco Serrador, e o primeiro cinema o Bijou no Teatro Santana, seguido pelo Teatro Politeama, de perfeita acústica, onde se apresentariam Sarah Bernard e Pepa Ruiz. Havia também o Íris, na rua XV de novembro, com cadeiras de palhinha, cuja fachada intensamente iluminada anunciava em 1912 "O mistério da ponte de Notre Dame".

Já os anos 20 desfrutavam de vários cinemas no centro, com sessões a partir do meio-dia. Além do Iris, havia o São Bento, na rua do mesmo nome; o Alhambra, na rua Direita, cuja decoração interna era toda em arabescos. E ainda o Recreio, na rua Riachuelo além do luxuoso Santa Helena, na Sé. Ainda segundo Barros Ferreira, em 1928 o República exibia o filme *Bem-Hur*, estrelado por Ramon Navarro e, com o término da construção do Edifício Martinelli, inaugurava-se o Cine Rosário, preferido da elite paulistana.

Transporte público

Non piangere più adesso! (...)

⁷ *São Paulo – metrópole em trânsito*. SENAC 2004

⁸ *São Paulo de meus amores*. Paz e Terra. Obra de 1954, edição de 2003

*Den-den! O bonde deu um solavanco, sacudiu os passageiros, deslisou, rolou, seguiu. Den! Olha à direita!*⁹

O meu pai ia para o trabalho caminhando, depois pegava o bonde; ainda não existia o Instituto Biológico. O meu marido ia para o Banco Bandeirantes de bonde...(Francisca)

O bonde passava em intervalos de menos de meia hora...tinha o Indianópolis, o Brooklin e o Santo Amaro, bonde camarão, fechado; depois ali no Largo Anna Rosa, na Domingos de Moraes e até em Pinheiros, era o bonde aberto, os homens iam no estribo e as mulheres sentadas (Clélia)

Em *A História da cidade de São Paulo*, Hugo Segawa comenta sobre a importância da administração do prefeito Antonio da Silva Prado (1899 – 1910) para a cidade. Foi nesse período que surgiram os bondes elétricos da São Paulo Tramway Light and Power Co., no lugar dos bondes de tração animal.

Barros Ferreira (1971) menciona que o primeiro bonde saiu do Largo de São Bento no dia 7 de maio de 1900, todo enfeitado, carregando solenemente deputados, vereadores, e o Vice-Diretor de Obras Públicas Eugênio Guilhen. Presentes à solenidade, os Conselheiros Rodrigues Alves, e Domingos de Moraes, respectivamente Presidente e Vice-Presidente do Estado, além do Prefeito Antonio da Silva Prado.

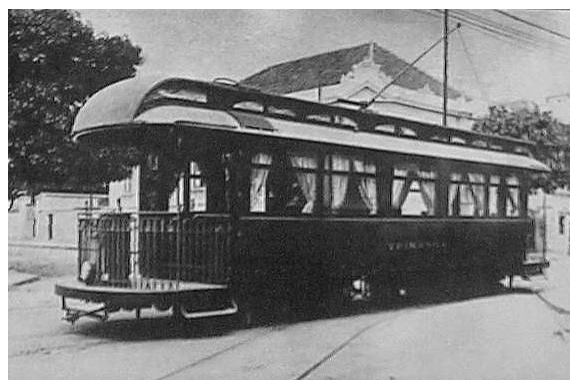


Inauguração no dia 7 de maio de 1900. Trafegando no Largo São Bento pela primeira vez
<http://www.novomilenio.inf.br>

⁹ *Brás Bexiga e Barra Funda* – Antônio de Alcântara Machado. Edição fac-similar - 1982



Bonde aberto no Largo do Tesouro Linha São Caetano, em 1930, no Largo São Bento –Foto coleção Allen Morrison



Cartão postal de cerca de 1920, mostra o Viaduto do Chá com Bonde Ipiranga, com cortinas estrutura de ferro e piso de madeira – Imagem Novo Milênio <http://www.novomilenio.inf.br> – visitado em 24/06/2006

"Anunciou-se que São Paulo ia ter bondes elétricos(...) Uma febre de curiosidade tomou as famílias, as casas, os grupos. Como seriam os novos bondes que andavam magicamente, sem impulso exterior? Eu tinha notícia pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade. Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado facilmente pelo bonde. Precisava pular. (...)

Um mistério esse negócio de eletricidade. Ninguém sabia como era. Caso é que funcionava. Para isso, as ruas da pequena São Paulo de 1900 enchiam-se de fios e de postes(...). Um amigo de casa informava: - o bonde pode andar até a velocidade de nove pontos. Mas, aí é uma disparada dos diabos. Ninguém aguenta. É capaz de saltar dos trilhos. E matar todo o mundo...

A cidade tomou um aspecto de revolução. Todos se locomoviam, procuravam ver. E os mais afoitos queriam ir até a temeridade de entrar no bonde, andar de bonde elétrico! Naquele dia de estréia ninguém pagava passagem, era de graça. A afluência tornou-se, portanto, enorme. No centro agitado, eu descii a ladeira de São João que não era ainda a Avenida de hoje. Fiquei na esquina da rua Líbero Badaró, olhando para o largo de São Bento, de onde devia sair a maravilha mecânica.

A tarde caía. Todos reclamavam. Por que não vem? Anunciava-se que a primeira linha construída era a da Barra Funda. É pra casa do prefeito! - O

bonde deixava o Largo de São Bento, entrava na Rua Libero Badaró, subia a Rua São João, entrava na Rua do Seminário. Um murmúrio tomou conta dos ajuntamentos. Lá vinha o bicho! O veículo amarelo e grande ocupou os trilhos do centro da via pública. Um homem de farda azul e boné o conduzia, tendo ao lado um fiscal. Uma alavanca de ferro prendia-o ao fio esticado, no alto. Uma campainha forte tilintava abrindo as alas convergentes do povo. Desceu devagar. Gritavam:

Cuidado! Vem a nove pontos!

Um italiano dialetal exclamava para o filho que puxava pelo braço - Lá vem o bonde! Toma cuidado!

Nas ruas, os acendedores de lampião passavam com suas varas ao ombro acendendo os acetilenos da iluminação pública."

Oswald de Andrade - *O Bonde e a Cidade,*
Um Homem sem Profissão
Editora Civilização Brasileira - Rio de Janeiro,
1976

Havia um total de 15 bondes com as mesmas características: nove bancos e 45 lugares e dois motores da marca GE, de 37 HP. Apenas seis bondes, no entanto, participavam da inauguração e ficaram à disposição para uso gratuito da população, até a noite. No mesmo mês inaugurava-se mais duas linhas, a de Bom Retiro e Vila Buarque.

Schmidt (1954) registra que, no Brasil, os primeiros bondes elétricos trafegaram em Minas, e só depois logo no início do século XX é que apareceram em São Paulo – os bondes elétricos da Light. Como no início os vagões rodavam vazios, a empresa canadense organizou uma loteria cujo cupom seria o próprio ticket da passagem, que custava 200 réis. O sorteio acontecia no segundo dia útil de cada mês, e o maior prêmio era de Cr\$ 500,00.

Ainda segundo Barros Ferreira (1971), o condutor viajava pendurado no balaústre, cobrando as passagens. As pessoas que viajavam sentadas podiam ler os reclames:

*"Está vendo o cavalheiro
o belo tipo faceiro
que está sentado a seu lado?
No entanto acredite
quase morreu de bronquite
salvou-o o rum creosotado".*

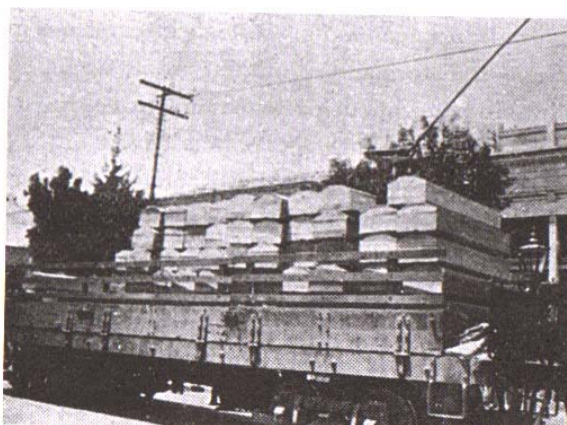
O "Ponte Grande" percorria a Líbero Badaró, unindo os largos São Bento, São Francisco, João Mendes e da Pólvora. O "Higienópolis" ligava os largos da Sé e do Arouche.

O itinerário que a maioria dos bondes percorria era o Viaduto Santa Ifigênia, rua Líbero Badaró, rua José Bonifácio, rua Direita, XV de Novembro, rua João Brícola, rua Boa Vista, Largo São Bento, Viaduto Santa Ifigênia.

Havia diferentes modelos de bondes: Carros abertos sem vestíbulo – 09 bancos: 185 Carros abertos sem lanternim – 13 bancos: 97 Carros abertos com vestíbulos – 09 bancos: 66 Carros abertos com vestíbulo – 11 bancos: 23 Carros abertos sem lanternim – 13 bancos: 97 Carros fechados – 51 assentos: 101 Carros abertos com vestíbulo e lanternim – 13 bancos: 07

"Fala da gripe espanhola, mãe" (Clélia)

A gripe espanhola foi uma coisa terrível...matava mesmo..não tinha médicos, eles estavam doentes também, eram poucos. Todo mundo que tinha um pouco de instrução eles botavam como médico. Meu pai foi para o Colégio Sion, porque hospitais quase não havia, então o Colégio Sion virou um hospital. O meu pai foi ser médico lá; médico...ele tratava os doentes como podia e daí as freiras não queriam receber gente de cor. É muito criatão isso, né? Numa epidemia, tudo, não querer receber gente de cor. Mas meu pai não admitiu isso...as freiras ficaram muito ofendidas mas resolveram aceitar...Eu era criança, tinha oito anos...ficava na janela do meu quarto que dava para a rua e aí passavam aqueles caminhões cobertos com uma lona, cheios; saía um braço, saía uma perna, de gente que morreu. E às vezes uma casa ficava fechada, os vizinhos avisavam e a polícia ia lá abrir a casa, a família inteira estava morta...Na minha casa todos tiveram, tudo ao mesmo tempo, só meu pai que ficou de pé. E ele cuidava de todos. O tratamento era um chá, uma coisa assim...(Francisca)



Transporte de caixões em bondes da Light –Hospital improvisado em São Paulo Fon-Fon, 23/11/1918

Ele (Manequinho) e o Monteiro Lobato tocaram o Estádio nessa época, porque todo mundo ficou doente; foi em 1918. Não tinha como não se contaminar, mas muita gente não saía de casa, para não ter contato. (Clélia).

A denominação "Gripe Espanhola" teria surgido na Inglaterra pois supunha-se, erradamente, que a epidemia seria originária daquele país¹⁰. Bertolli, comenta que nos 66 dias de gripe, São Paulo registrou um número oficial de 116.777 casos, equivalente a 22, 32% da população da época. Este número, no entanto, é impreciso, já que muitos casos não foram notificados.

O autor analisou receitas médicas e fontes documentais sobre as drogas usadas para prevenção e tratamento da gripe, e concluiu que nada muito diferente do tratamento de gripes comuns foi usado na época.



- Oh! Dona Genoveva, não tem medo? Há treze espanholados ahi no vizinho.
- Qual! cá tenho um preventivo: vaselina mentho-canphorada e bromoquinino-iodada com mistura de calomelanos sublimado, grippina e pinga com limão. É infallível.

A Gazeta, 30/11/1918 (Voltolino).

Enquanto o serviço sanitário municipal propunha ações para a limpeza e desinfetação de áreas municipais, a população criava terapias com o uso de alho, limão, sal, pimenta, cebola, canela. As pessoas eram vistas nas ruas cheirando álcool mentolado, iodo, alho. Em *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosí apresenta depoimentos de idosos sobre as mesmas terapias. Com isso, os limões em São Paulo, cada vez mais difíceis, eram anunciados até pela Drogaria Americana, na rua Líbero Badaró a 300 réis a dúzia¹¹.

A ameaça da gripe e, conseqüentemente, o medo da morte eram parceiros no cotidiano da cidade. Se nos primeiros dias a população, incrédula, custava a admitir a ameaça, já na segunda semana da epidemia as aulas eram suspensas, conferências eram desmarcadas, teatros e cinemas deixavam de funcionar. A paisagem na cidade se modificava pois o paulistano se recolhia em casa para evitar a contaminação. A população procurava desesperadamente por atendimento médico, receitas e medicamentos.

¹⁰ BERTOLLI, Claudio. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003

¹¹ *Jornal O Estado de São Paulo*, 24/10/1918.



Rua São Bento com pouco movimento – Fon-Fon, 23/11/1928

As famílias mais pobres protagonizavam cenas desesperadas, em busca de tratamento. Além da dificuldade para se obter medicamentos, segundo Bertolli, a população enfrentava uma enorme escassez de alimentos. Leite, carne eram vendidos pelo triplo do preço estabelecido pela Comissão de Alimentação Pública. Com as padarias, açougues e farmácias fechados, a situação alimentar do povo tornava-se mais grave a cada dia. Faltava querosene e o leite era adulterado com polvilho, segundo denúncias da população, e de 100 réis teria alcançado 1\$000 a 1\$200 réis.

O declínio da gripe coincidiu com o fim da guerra na Europa e subitamente, em meados de novembro, o povo estava nas ruas do centro, entrava em alguns estabelecimentos comerciais abertos, para comemorar o fim da guerra e da gripe. Lojas como a Mappin Stores voltaram a abrir, funcionando, no entanto, só até as 17:00 horas.

Com as fábricas negando-se a pagar os dias parados, o desafio dos sobreviventes era conseguir pagar os alimentos e o aluguel.

O Colégio Caetano de Campos

O uniforme do Caetano de Campos era sapato preto com meia branca. Era sagrado, o uniforme. Quando chegava a hora de ir para a aula, tocava o sino...Quando chegou a vez da Anita e da minha mãe estudarem o pai já tinha implicado com a Caetano de Campos e ela (Candoquinha) abriu caminho para as duas, falsificou a assinatura do pai. (Clélia).

A gente sabia francês corretamente, aprendia na escola...aprendia latim...entrei com sete anos e saí com uns 19. (Francisca)

Depois minha mãe continuou os estudos na área de saúde e tia Anita fez secretariado. (Clélia)

A Escola Normal foi construída por Ramos de Azevedo na Praça da República. Inaugurada em 1894, preparava os professores para o ensino público¹².

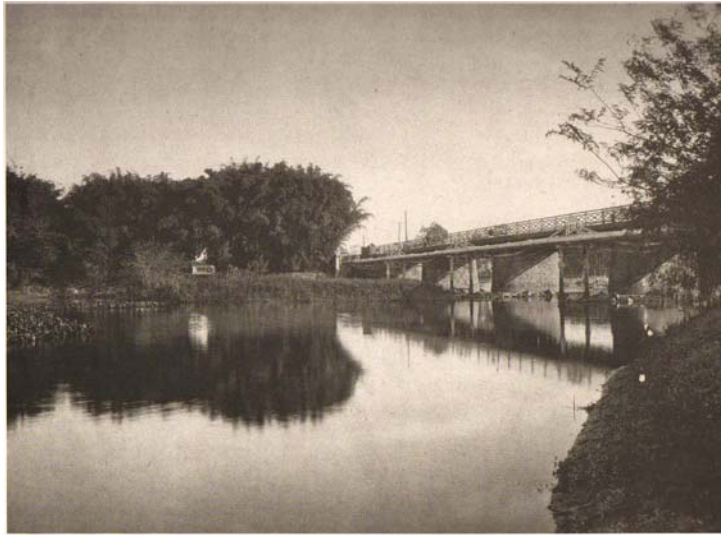
¹² *São Paulo 1900* – Livraria Kosmos Editora, 1988



Escola Normal - 1905-1906 – Foto de Guilherme Gaensly.

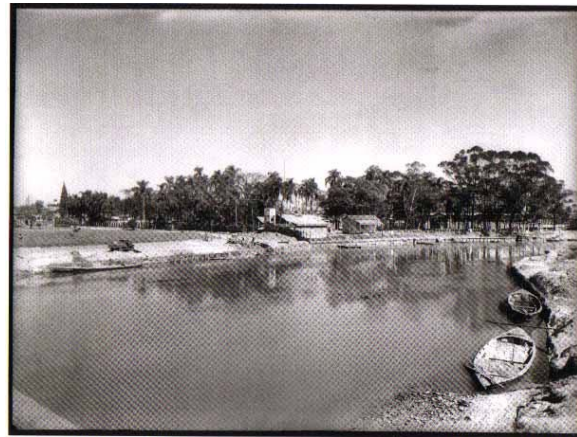
Esportes

Eu fui nadadora. Era sócia e nadava no Clube de Regatas São Paulo, às margens do Tietê. Na frente tinha o Speria, um clube muito bom, muito aceito e arrumadinho. Ia remando até as corredeiras da Penha, daí não podia atravessar as corredeiras e voltava. A volta era muito suave e vinha fácil. Chegava lá e entregava o barco no clube, era aí que eu nadava no rio. Chegava lá quente do sol e "puft" na água gelada, era muito agradável...depois saía, tomava banho frio, botava a roupa tudo direitinho e voltava. Quando eu podia, fazia isso todo dia...ia para lá de bonde, atravessava a avenida e pegava o bonde, ele ia direto, chamava-se Ponte grande, era um bonde aberto e não ia muito cheio. Eu ia pela manhã e voltava com apetite para almoçar em casa. Eu nadava estilo crown; a água do rio não era muito limpa, mas a gente naquele entusiasmo de nadar não prestava atenção, não. Tinha uma parte cercada que diziam que era mais limpa que o rio, mas era suja igual. (Francisca)



1902-1903 – Ponte Grande – Foto de Guilherme Gaensly.

O Engenheiro Fox terminou a construção da Ponte Grande em meados de 1860. A ponte, final da Av Tiradentes, era ponto final do bonde Liberdade-Ponte Grande¹³. trajeto do bonde era: Ida: era Largo São Bento, Rua Florêncio de Abreu, Av. Tiradentes e Rua Porto Seguro. Volta: Rua Porto Seguro, Rua Itaporanga, Rua Guaporé, Av Tiradentes, Rua Florêncio de Abreu e Largo São Bento.



Clube de Regatas São Paulo – 1905 Rio Tietê, próximo à Ponte Grande – 1920 Foto de Guilherme Gaensly. autor anônimo – São Paulo – andar, vagar, perder-se <http://www.aprenda450anos.com.br>

Um dos primeiros clubes esportivos da capital, o Clube de Regatas São Paulo foi fundado em 1903. Na época, ao contrário da mentalidade do século anterior, o esporte era considerado benéfico para a saúde e o clube era frequentado pela elite da sociedade paulistana. Quase em frente, na margem oposta, o Clube Speria fundado pela colônia italiana, já contaria nessa época com cerca de 400 sócios.

O Instituto de Higiene

Eu já era formada professora ...e fiquei um tempo à deriva, meio atrapalhada, pois ser professora não era comigo. Até que eu resolvi e fiz o curso do Instituto de Higiene, fui estudar inglês...

¹³ Idem

O meu curso no Instituto de Higiene durou dois anos...tinha aprendido todo o necessário para trabalhar em Posto de Saúde. A gente se vestia simples para as aulas, mas tinha que usar chapéu, (todo mundo saía de chapéu) e meias de algodão – não existia meias de nylon. Depois teve o concurso e passei em 10º lugar e fui indicada para trabalhar em Rio Preto. O meu pai chamava, aconselhava...minha mãe não deixou ir. Mas como eu ia fazer 21 anos, eu falei que seria maior de idade e iria – foi a primeira vez que fui malcriada para a minha mãe... E fui! (Francisca)



Primeira sede do Instituto à rua Brigadeiro Tobias 45, Laboratório do Instituto em frente à Faculdade de Medicina (antiga casa do Barão de Piracicaba)



Palestra para os alunos

O Instituto de Higiene foi criado em 1918, com recursos do *International Health Board*, da Fundação Rockefeller, em parceria com o governo do Estado e a Faculdade de Medicina. Criado para ser uma disciplina de higiene da faculdade, em pouco tempo ganhou autonomia e tornou-se referência na área de educação sanitária em torno de 1924, quando foi implantado o Curso de Educadoras Sanitárias¹⁴.

A nova sede do Instituto foi construída na Avenida Dr. Arnaldo, em terreno cedido pelo governo de São Paulo, em área destinada ao centro médico da cidade. O prédio, com planta de Geraldo Horácio de Paula Souza, foi construído entre 1928 e 1932 e o Instituto já funcionava no novo endereço ainda em obras, a partir de 1931. No primeiro andar funcionava o atendimento ao público, no segundo andar ficavam as salas de aula e no terceiro os laboratórios de pesquisa.

¹⁴ História, Ciência Saúde – Manguinhos - A Casa de Geraldo de Paula Souza
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000300019



A construção da nova sede, tendo ao fundo a casa de O Instituto de Higiene no final da construção Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade

A viagem para São José do Rio Preto



Trem de madeira da bitola estreita – Trem de madeira restaurado, em exposição no Parque Foto: autor desconhecido Águas Claras, Taubaté. Foto de R. Giesbrecht – 2004 Guia Levi - http://www.estacoesferroviarias.com.br/trens_sp_2/efa.htm

Foram 10 horas de trem...na Paulista era uma delícia, tudo perfeito, vagão restaurante, agora quando fazia baldeação e passava para a Araraquarense era tudo precário, uma tristeza. Quando eu cheguei, ninguém estava me esperando na estação, eu fui para um hotel – um acontecimento, uma moça sozinha num hotel. O Secretário de Saúde da Prefeitura de Rio Preto me conhecia muito. Daí ele me tirou do hotel e me levou para a casa dele, mas eu não ia ficar na casa dele; daí arrumei uma pensão de uma senhora que alugava quartos e me ajeitei lá...passei muitos anos trabalhando lá. São José do Rio Preto era um verdadeiro sertão, só tinha uma rua calçada e a gente era ignorante, de uma ignorância de doer...No centro de saúde em que a gente trabalhava tinha muita tristeza porque o pessoal, muito ignorante, não sabia cuidar das crianças e a gente tinha que ensinar tudo. (Francisca)

A linha-tronco da Cia. Paulista

O seu primeiro trecho, Jundiaí-Campinas, foi inaugurado em 1872. Em 1876 foi prolongada até Rio Claro e depois continuou com a aquisição da E. F. Rio-Clarense,

em 1892. Posteriormente expandiu já com bitola larga até São Carlos, em 1922 e até Rincão, em 1928.

O percurso de Araraquara a Rio Preto

O trecho que ligava Araraquara a Bueno de Andrara (chamada na época Itaquerê) foi construído em bitola estreita e inaugurado em 1898. Em 1912 chegou até São José do Rio Preto e, posteriormente, em 1934, alcançou Mirassol. O conforto da bitola larga no entanto chegou somente em 1955, unindo Araraquara a Rio Preto. A administração pela Cia Paulista, a partir de 1968, acabou com o transporte de passageiros.

Namoro e casamento

As moças namoravam na rua Direita, no footing. Eu conheci meu marido em Rio Preto, ele trabalhava num banco. Eu tinha uma fila de pretendentes para me namorar, mas pensei comigo: - eu vim aqui para trabalhar e não para namorar... ele se aproximou de mim sem muito barulho e aí nos demos bem..(Francisca)

O nome dele era Ethewaldo Martinez, Ethevaldo com th e w, minha avó tirou da folhinha, um santo inglês). Ela se casou em 1935 e eu nasci nove meses depois, em 1936. (Clélia)

Eu não casei de vestido de noiva porque achava uma bobagem aquilo, não é? Então eu fui com um tailleurzinho branco e azul e assim foi o meu casamento. Foi um acontecimento lá em Rio Preto, um casamento simples assim, e depois o padre elogiou a simplicidade...a minha mãe não foi, ficou tão ofendida que não quis ir ao casamento, meu pai que já estava muito doente foi sozinho. (Francisca)

A mudança de D. Francisca – de volta para São Paulo

O meu marido foi transferido para São Paulo (em 1941) e eu tive que voltar com ele. Fomos morar na rua Morgado de Mateus, onde o meu pai tinha construído (em 1934) três sobradinhos, um para cada filha. Quando eu vim de lá estava alugado, eu pedi a casa, naqueles tempos era uma gentileza, não tinha inquilino que não queria sair, era tudo muito correto. Eu tenho até hoje uma palmeira que uma inquilina da casa me deixou de presente com umas três ou quatro folhas, hoje é uma árvore.

A Clélia tinha cinco anos e fomos morar provisoriamente com a minha irmã mais velha...ela tinha assumido a casa depois da morte do meu pai. (Francisca)



Rua Morgado de Matheus – Vila Mariana Os sobrados - 2006 – Fotos Silvia Valentini

D. Francisca e sua filha Clélia dividem com sete gatos o sobrado construído por Manequinho Lopes à rua Morgado de Matheus, próximo ao Instituto Biológico. Fazem parte do "patrimônio" do bairro, já foram motivo de várias reportagens de jornais e revistas; são reconhecidas e tratadas com carinho e respeito pela comunidade.



Manequinho Lopes – acervo da família Dona Francisca – foto Juliana Valentini



Convite para a reabertura do Viveiro Manequinho Lopes – 2004



D. Francisca em matéria do jornal do bairro

... O homem está na cidade
 como uma coisa está em outra
 e a cidade está no homem
 que está em outra cidade
 mas variados são os modos
 como uma coisa
 está em outra coisa:
 o homem, por exemplo, não está na cidade
 como uma árvore está

em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas
(mesmo rolando longe dela)
O homem não está na cidade
como uma árvore está num livro
quando um vento ali a folheia
a cidade está no homem
mas não da mesma maneira
que um pássaro está numa árvore
não da mesma maneira que um pássaro
(a imagem dele)
está/va na água
e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo
a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa
cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma
a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas praças e ruas.

Ferreira Gullar

Buenos Aires
maio/outubro 1975

Bibliografia

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo*. São Paulo : Saraiva, 1957

BERTOLLI FILHO, Claudio. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, obra 1986, 2003

BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro : Campus, 1997

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembrança de velhos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1994

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol III: Rio de Janeiro, 1954

CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. *São Paulo – Metrópole em trânsito*. São Paulo: SENAC, 2004

DIERBERGER, Reinaldo. *São Paulo e seus jardins particulares*: Ilustração Brasileira, 1929

- FERREIRA, Barros. *O nobre e antigo bairro da Sé*. Série História dos bairros de São Paulo.
- JARDIM, Evandro Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo. *São Paulo anos 20 –andar, vagar, perder-se*. São Paulo: Melhoramentos 2003
- KLIASS, Rosa Grena. *Parques urbanos de São Paulo*. São Paulo: Pini, 1993
- KOSSOY, Boris. *Análise e interpretação. São Paulo, 1900*: Kosmos, 1988
- KOSSOY, Boris. *Álbum de Photographias do Estado de São Paulo*. São Paulo: Kosmos, 1984
- MACHADO, António de Alcântara. *Brás Bexiga e Barra Funda*. Ed. fac-similar. São Paulo: IMESP, 1982
- MACHADO, António de Alcântara. *Laranja da China*. Ed. fac-similar. São Paulo:IMESP, 1982
- NOSSO SÉCULO – Série. São Paulo: Abril Cultural, 1980
- OLIVEIRA, Fernando Milliet de - apresentação. *Banespa 60 anos*. São Paulo, 1986
- PONCIANO, Levino. *Bairros paulistanos de A a Z*. São Paulo: Senac, 2001
- PORTA, Paula – organização. *História da cidade de São Paulo – a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- PROUST, Marcel. *Os prazeres e os dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades*. HUCITEC, 1994
- SCHMIDT, Afonso. *São Paulo de meus amores*. Paz e Terra. Obra 1954, edição 2003
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo : Livraria Duas Cidades, 1981.

Agradecimentos

Dona Francisca Lopes de Oliveira Martinez, uma encantadora e elegante senhora que confiou-me suas memórias de jovem mulher adiante do seu tempo, e que a cada dia transmite novas lições de vida. Com muita admiração.

Clélia Helena de Oliveira Martinez, pela companhia nos percursos, pelas chamadas que ativaram as lembranças embaçadas, pela afetuosa acolhida com biscoitinhos de canela e café em porcelana inglesa antiga; mas sobretudo pela extrema confiança ao entregar todas as memórias, registros, fotos e documentos originais do avô, sem o que este trabalho não teria sido possível. Com amizade.

Juliana Valentini, sempre atenta, pela apresentação de suas vizinhas e pelos registros fotográficos. Com amor.

Gata Gina, intrigante, pela aprovação instantânea manifestada por meio de complexas alegorias, o que nos permitiu o salvo-conduto para a convivência. Com respeito.

Nota dos Editores

Os artigos publicados em LINGUAGENS não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a LINGUAGENS consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de LINGUAGENS.